

ARTES. Tímido, o circuito das artes plásticas de Maceió anda particularmente movimentado nos últimos dias. No final de novembro, três mostras voltadas a diferentes linguagens artísticas foram abertas na cidade. Com *Ciscos*, Pedro Lucena está em cartaz na Pinacoteca Universitária; itinerante, a exposição do Prêmio Marcantonio Vilaça traz pela primeira à capital obras de nomes como o alagoano Jonathas de Andrade e o paulista Paulo Nenflídio; já a Galeria do Cesmac abriga uma nova leva das impressionantes colagens de Agélio Novaes. Nesta edição, a Gazeta traz um guia para você conhecer esse circuito. Que tal conferir?

+ Clarice Lispector ganha dia especial de homenagens. B10



Domingo 09/12/2012

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

CARLA CASTELLOTTI
REPÓRTER

Sem precedentes. Esse foi o comentário mais ouvido pela turma que, num feito inédito, lotou a Pinacoteca Universitária na noite de abertura de sua nova exposição. Mais tradicional espaço dedicado à arte contemporânea em Maceió, a galeria mantida pela Universidade Federal de Alagoas ficou pequena para tanta gente. Familiares, amigos, admiradores e curiosos, todos estavam lá para ver *Ciscos*, segunda mostra individual de Pedro Lucena, artista visual cujos desenhos já estampavam as mais variadas plataformas antes mesmo de ocupar as paredes da instituição. De capa de disco a peças de vestuário e objetos de decoração, há algum tempo ele vem experimentando suportes e aplicações os mais diversos para suas criações.

Quatro anos após sua primeira exposição, *Ars Libera*, Pedro Lucena se firma como um dos mais promissores nomes das artes visuais no estado. Prova disso é que a abertura de *Ciscos* foi prestigiada por artistas plásticos do calibre de Delson Uchôa e Rogério Gomes, duas das figuras mais respeitadas do *métier* – nacional e internacionalmente. Mas nem só artistas e entusiastas marcaram presença na Pinacoteca. Gente que conheceu os desenhos de Lucena por meio da internet também foi até lá.

E talvez resida aí o segredo da produção de Pedro Lucena, ou seja, nas formas que ele encontrou para tornar sua obra acessível. Ainda que complexas, as múltiplas referências do artista, que dão margem à criação de imagens de grande densidade, não parecem fugir ao viés pop. Os corcundas que podem ser vistos na maior parte dos desenhos que compõem *Ciscos*, por exemplo, são resultado da união nada óbvia entre a obsessão de Lucena pelas gravuras de Gustave Doré, a poesia do cuiabano Manoel de Barros e o artesanato da comunidade da Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar, no interior do estado.

PROFUSÃO

E como fatura é coisa rara de ver por aqui, é de se espantar que no mesmo dia da abertura de *Ciscos*, 21 de novembro, a Associação Comercial de Maceió tenha recebido uma mostra (também) sem precedentes. Nessa data teve início, no prédio secular, a exposição itinerante do Prêmio Marcantonio Vilaça 2011-2012. Obras de cinco dos mais importantes nomes da arte contemporânea brasileira ganha-

vam, pela primeira vez, uma mostra na capital. Instalações feitas para serem vivenciadas, de realizadores como o maranhense Marcone Moreira, a mineira Laura Belém e os paulistas André Komatsu e Paulo Nenflídio, além dos trabalhos em fotografia do alagoano Jonathas de Andrade (em sua primeira vez na terra natal) poderão ser vistos até janeiro no espaço.

A esta 'profusão' de mostras soma-se ainda a nova exposição de Agélio Novaes. Após um hiato de quase dois anos, o artista plástico cuja técnica de colagem é das mais impressionantes reuniu 19 trabalhos inéditos na Galeria de Arte Fernando Lopes, a Galeria do Cesmac. *Colagem, a Arte de Agélio Novaes*, aberta ao público no último dia 23, exhibe telas 'pintadas' com recortes de revistas por Agélio, que em sua obra retrata cenas prosaicas do dia a dia no bairro de Jaraguá, por exemplo.

Tantas e tão promissoras exposições convidam o público – inclusive aquele que não costuma ter contato com produções do gênero – a conhecer mais sobre as artes, daqui e alhures. Abertas à visitação ao mesmo tempo em Maceió e extrapolando os limites da Pinacoteca, as exposições ocupam lugares como a Associação Comercial, onde o horário de visitação se estende inclusive pelo fim de semana.

A imponente instituição situada na rua Sá e Albuquerque, contudo, incide numa falha grave na apresentação de uma das obras do Prêmio Marcantonio Vilaça 2011-2012. Na última terça-feira (04), quando a *Gazeta* esteve lá, não foi possível visitar uma das instalações da mineira Laura Belém. O guia informou que "infelizmente, a sala na qual havia uma das obras seria usada para outros fins naquele dia". Sensorial, a peça que reproduz o badalar ininterrupto de sinos não pôde ser vivenciada.

Mas como você, de toda forma, não pode perder a chance de conhecer o circuito de exposições que casualmente se formou na cidade, nesta edição a *Gazeta* traz uma espécie de guia com o que pode ser visto na Pinacoteca Universitária, na Associação Comercial de Maceió e na Galeria de Arte Fernando Lopes. A seguir, você confere também uma entrevista com Jonathas de Andrade, o artista alagoano radicado no Recife que é considerado um dos mais promissores nomes da arte produzida hoje no Brasil. Não perca. **Continua nas págs. B2, B5 e B8**

Com a palavra, o público

A *Gazeta* esteve na abertura de *Ciscos* na Pinacoteca Universitária. A seguir, impressões de quem foi conferir os desenhos de Pedro Lucena.

"Foi a Amanda [que usa uma camiseta com um desenho do Pedro] que me falou do trabalho dele. Vimos no Facebook que a exposição ia acontecer."
Richard Plácido, 27, servidor público

"Conheci o trabalho do Pedro em livros infantis; ele foi meu professor de Inglês e nas aulas mesmo vi algumas coisas dele. O conceito dele só melhorou com o tempo e, quando eu procurei saber de alguns artistas aqui de Alagoas, digamos que o Pedro Lucena se tornou o meu preferido. Ele usa vários materiais: lápis de cor, nanquim, tinta... Tem tudo, e o efeito é surpreendente."
Amanda Prado, 24, servidora pública

"A primeira vez que vi o trabalho do Pedro foi no CD da Cris Braun, no qual ele fez as ilustrações da capa e do encarte. Assim que vi, achei muito legal e esperei ansiosamente pela exposição – e fiquei mais louca ainda quando vi essas obras. Ele é genial, seu traço é muito bom, as sombras, as transparências que ele consegue, o sombreado nas pequenas detalhes. Achei muito legal, de um cuidado muito grande. E esse conceito, pois mesmo com uma produção tão grande e tão diversificada, ele tem um fio que conduz tudo. Embora tenha unidade, é possível ver coisas diversas."
Carla Cansanção, 22, arquiteta

"Já conhecia o trabalho do Pedro, já tinha visto a exposição anterior dele e já admirava bastante seu trabalho. Estou achando incrível a exposição, ele tem um trabalho que mexe com a textura de um modo impressionante, tanto que os desenhos ultrapassam o nível da ilustração, de mera arte gráfica, para se tornar arte contemporânea."
Ana Beatriz, 23, designer

"Eu acho que as pessoas têm que ver o trabalho do Pedro porque ele é obsessivo. Isso pode ser visto em todas essas ilustrações de *Ciscos*. É incrível como ele pega um lugar e transforma em outra coisa."
Renata Voss, fotógrafa

"Em síntese, eu acho que ele possui um traço sublime, rendado. Você pode imaginar a partir dos menores pontos. Eu não conhecia o trabalho dele, não sabia que era assim tão singelo; parece mesmo uma singeleza, uma renda, por meio da qual é possível ver outras figuras materializadas."
Cynthia Fortes, arquiteta e pesquisadora

"Primeiramente senti uma emoção muito grande quando cheguei. Você sente logo a beleza, a força e a coragem do trabalho do artista. Depois, à medida que você vai vivendo a emoção dentro da exposição, você fica cada vez mais seguro de que está diante de um artista fantástico. Pedro é um grande criador – de emoções e de imagens. Acho o traço do Pedro muito forte, o poder de sublimar esse traço é muito grande. É algo universal, deixa de ser algo voltado para a pessoa. Essa exposição é universal, ela poderia estar em Moscou, na China, na Índia; onde fosse, seria sempre a exposição de um grande artista."
Rogério Gomes, artista plástico

Detalhe de Educação para Adultos, obra do alagoano Jonathas de Andrade; pela primeira vez na cidade natal